

# O SAGRADO E O PROFANO

\*\*\*

HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1987

David Augusto Canelo, *Os Ultimos Criptojudeus em Portugal*, Belmonte, Centro de Cultura Pedro Alvares Cabral, 1987, 264 pp.

É este um livro que fala de portugueses. Não dos portugueses, mas de portugueses. Não de uma classe social, sector profissional, minoria étnica ou seita mais ou menos esotérica, mas do vestígio arqueológico dessa desgraçada «gente de nação» que já se pretendeu apagar da história.

O autor conhece aquilo de que fala. Residente na localidade onde sobrevive (sem a morte à vista) uma das mais antigas e a mais persistente das concentrações de criptojudeus da Península Ibérica (ou de «judeus secretos», como menos propriamente lhes chamou numa primeira versão desta obra, aparecida há dois anos), David Augusto Canelo é hoje um dos raros estudiosos do *marranismo* contemporâneo e o único que, no terreno, tem desenterrado, limpo e arquivado a memória do viver passado e presente dessa comunidade ainda coesa e singular, cuja origem remonta documentalmente ao século XIII.

A obra lê-se num alento, fazendo-nos viajar rapidamente pelo tempo, traçando o percurso que viu converter-se o judaísmo ortodoxo num cristianismo camuflante, depois numa mistura híbrida e, finalmente, num «retorno ao passado» assumido ou redescoberto, que faz com que em Belmonte, haja ainda quem designe «os outros» por cristãos-velhos.

Abre o texto com uma síntese eficaz, esboçando a história primeira do judaísmo em Portugal, aquela que antecede as medidas restritivas do senhor D. Manuel. Aí se revelam as raízes do comportamento e da condição de um povo que, antes ainda das medidas excepcionalmente severas tomadas contra os seus corpos e bens, se juntava já — marginalizado, mas também auto-excluído — no *ghetto* que era a judiaria, regulada de forma em parte autónoma e livre da presença habitual de cristãos

Mais conhecida de outras leituras, a situação criada a partir da expulsão determinada em Espanha no ano de 1492 e em Portugal quatro anos depois, é abordada na perspectiva do entendimento do conjunto de motivos que levaria ao rápido escoar dos judeus presentes no lado de lá da fronteira e à manutenção dos traços que marcam a presença das comunidades lusitanas. Os limites erguidos à efectiva saída dos israelitas nacionais e a sua forçada metamorfose em cristãos-novos, a definição tardia da Inquisição portuguesa, estariam entre o conjunto de razões capazes de determinar essa situação.

## Recensões

No contexto da especificidade representada desta banda da Península, David Canelo lembra então a violenta polémica desenvolvida nos inícios da década de setenta e ñas páginas do *Diário de Lisboa*, entre I. S. Révah e Antonio José Saraiva, opondo-se aquele à consabida tese do professor português negando a origem judaica da larga maioria dos cristãos-novos, «fabricados», na sua opinião, pelo Santo Ofício. Reconhecendo os limites dentro dos quais trabalharam os dois estudiosos, o curso do texto acaba por representar uma aproximação (talvez melhor, uma confirmação determinada pela experiência) às teses de Révah: Belmonte (e outras concentrações, menos conhecidas e representativas mas recenseadas) existiria para o confirmar.

Destina-se pois a parte mais volumosa e original da obra à divulgação do conhecimento da origem, da história, da composição, das crenças, das práticas rituais, da definição sócio-económica, demográfica e psicológica do antigo agregado beirão.

A tarefa foi morosa e, com toda a certeza, dificultada pelos obstáculos que gente secularmente habituada à desconfiança e à perseguição naturalmente levantou. Nos anos vinte, Samuel Schwarz, o primeiro estudioso a «descobrir» Belmonte (veja-se *Os Cristãos-Novos em Portugal no século XX*, de 1925), sentira já, apesar da sua origem judaica, o medo desses homens e dessas mulheres, quase da mesma crença, que tardou a conquistar.

Tal medo, tal existência ainda hoje geralmente cerrada a estranhos, tem raízes profundas, mas também outras de mais curta vida. A endogamia, ainda praticada por parte da comunidade, radica nesse isolamento e também, talvez, na antiga crença, mesmo que não elaborada, na especificidade história da definição e do destino do «povo eleito». Do outro lado, as actividades anti-semitas dos anos trinta e quarenta, amplamente compreendidas pelo Estado salazarista e por uma boa parte da hierarquia católica, terão reforçado um pavor que a reactivação dos tempos da Primeira República tinha parcialmente excluído e que a tolerância do tempo presente ainda não fez desaparecer.

Claro que a relação da comunidade com o judaísmo ortodoxo é um outro problema. E a obra levanta-o de forma cuidada, ainda que, talvez, não completa. A ideia é enunciada: «Nos primeiros processos contra os judaizantes verifica-se claramente que estes tinham uma ideia completa dos dogmas e das obrigações da religião judaica. Os *marranos* das gerações tardias não revelam uniformidade religiosa e mostram um acentuado esquecimento do judaísmo talmúdico, mantem-

do um corpo de doutrina e de ritual muito imperfeito através da utilização de fragmentos isolados e desconexos da antiga Lei. Contudo, por mais desconexas que as suas rezas e práticas se nos apresentem não nos ficam dúvidas quanto às suas origens» (pp 66-67). A «Obra do Resgaste» do capitão Barros Basto procuraria, até ao seu abafamento organizativo e à perseguição política movida ao seu principal impulsionador a partir de 1936, retomar esse elo perdido. Mas não teve sequência, dissolvendo-se a recém-retomada aproximação dos núcleos e regressando-se ao alheamento das famílias dispersas e da comunidade ímpar de Belmonte da fidelidade doutrinal e litúrgica.

Uma pesquisa por outras áreas poderia, portanto, e complementarmente, levar ao entendimento mais completo dessa distância, quando se conhece o destaque, a partir do século XIX, da limitada mas activa e materialmente poderosa comunidade judaica portuguesa (particularmente importante na região de Lisboa, onde mantém hoje uma participada sinagoga). Esse seria um trajecto alternativo, que poderia conduzir ainda à ilustração da realidade nem sempre conhecida da heterogeneidade rática dos judeus (lembre-se o interessantíssimo *The thirteenth tribe*, de Arthur Koestler).

O texto é, portanto, inevitável para quem pretenda estudar ou simplesmente conhecer o fenómeno estranho do cripto judaísmo em Portugal. Referências pormenorizadas a formas festivas, práticas litúrgicas e formulários de orações, além de apêndices documentais diversos e valiosos completam o volume, deixando ao leitor a vontade de conhecer directamente esses fragmentos de uma contemporaneidade ignorada. Que não se desloque, porém, sem um contacto prévio, pois verá fecharem-se-lhe as portas! Porque é, em princípio, um cristão-velho.

*Rui Bebiano*